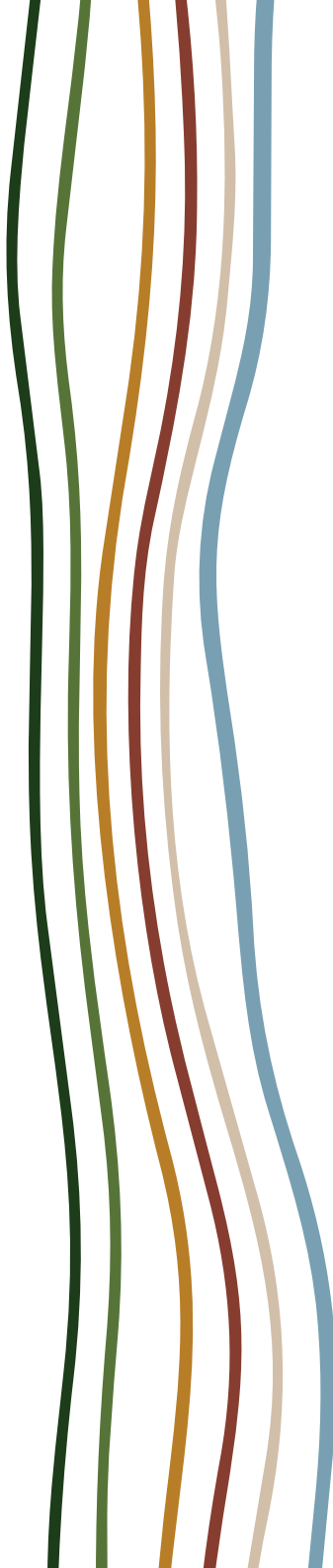
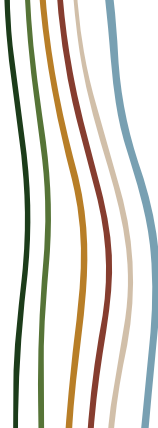


Exposição Itinerante

ALÉM DOS VERDES







SU MÁ RIO

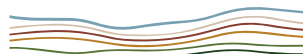
Ministério da cultura e Petrobrás
apresentam: ALÉM DOS VERDES

Além dos Verdes?_____	6
Percurso expositivo _____	8
3.1 Painel 1 - Abrigo e Conexões_____	8
3.2 Painel 2 - Fortes e Rios _____	8
3.3 Painel 3 - Cultura e Tradição _____	9
3.4 Painel 4 - Seres da Floresta _____	9
3.5 Painel 5 - Morada das Marés _____	10
A Rota das Águas: a Itinerância_____	12
Além dos Verdes: Existências_____	13
Artistas e Obras _____	14
Circuitos, Fluxos e Ativações _____	58
Ficha técnica _____	59
Referências _____	62

Ministério da cultura
e Petrobrás apresentam:

Exposição Itinerante

ALÉM DOS



VERDES

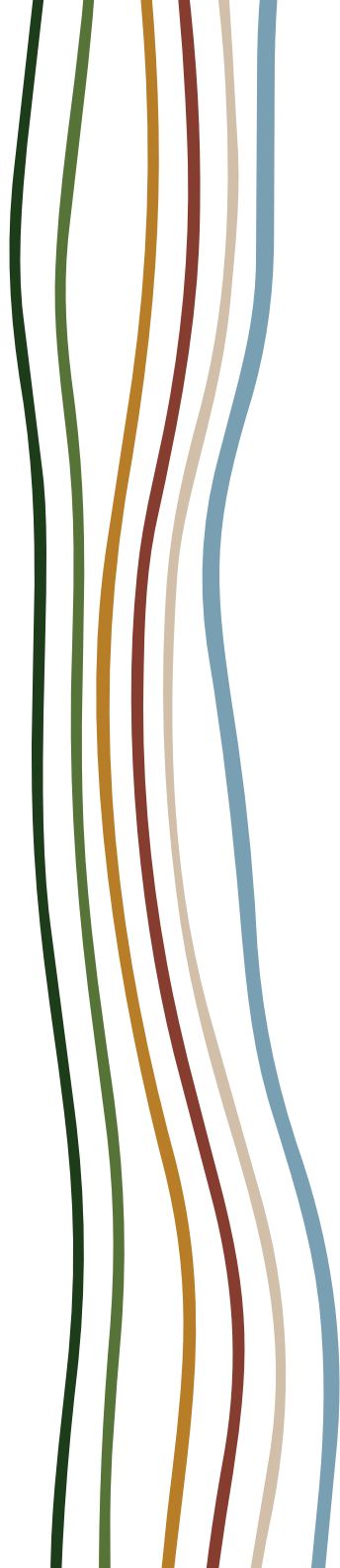
PATROCÍNIO:

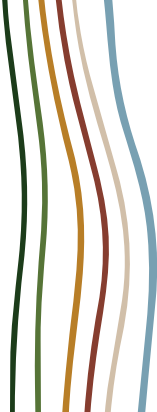


REALIZAÇÃO:

MINISTÉRIO DA
CULTURA







ALÉM DOS VERDES

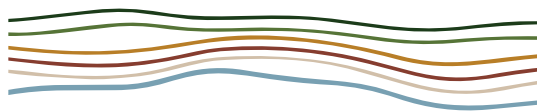
A visão da Amazônia como uma imensidão verde interrompida por sinuosos rios tornou-se a imagem mais, exaustivamente, repetida a respeito da região. É no deslocamento desse olhar, do cenário idealizado para acrescentar narrativas plurais que surge a proposta curatorial de Além dos Verdes.

A exposição apresenta uma abordagem agregadora ao acolher a complexidade das diferentes experiências amazônicas, citadinas e ancestrais, onde rios e florestas coexistem com memórias, feridas urbanas, ritos e conflitos. A abordagem curatorial compreende a Amazônia como um território múltiplo de vivências e paisagens, no qual diferentes modos de existir tensionam visões históricas e reducionistas sobre a região.

A exposição trata de um território dinâmico, cheio de vozes, costumes e realidades diversas, proposta por artistas cujas obras articulam paisagem, cidade, ancestralidade, espiritualidade, denúncia e cotidiano, transformando o conceito abstrato sobre a região em vivência compartilhada.

Ao longo da história, diferentes ideias e interesses ajudaram a construir imagens reducionistas sobre a Amazônia. Ainda hoje, a região muitas vezes é vista apenas como um lugar distante e isolado, ou como um grande paraíso natural repleto de riquezas a serem exploradas. Essas visões simplificam e ignoram a diversidade de vidas, culturas, memórias e experiências que constituem o território amazônico.





Nesse contexto, Além dos Verdes dialoga com a construção de novos imaginários sobre a região, compreendidos cada vez mais como um espaço de resistência cultural e política, tal qual destaca Gil Vieira Costa (2021).



A linha conceitual desloca-se da observação do cenário natural para a complexidade das vivências humanas. Nessa perspectiva, a relação com a floresta influencia os modos de vida e as visões de mundo de comunidades tradicionais — no interior e nas cidades — além de interagir com as dinâmicas urbanas da Amazônia.

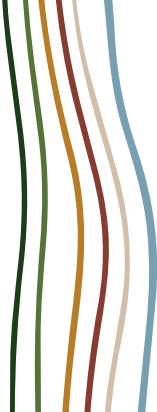
Memória e Fala Pública



Se o verde foi por muito tempo a cor-síntese da Amazônia imaginada de fora, *Além dos Verdes* propõe outra perspectiva: uma Amazônia construída por vozes, águas, ruínas coloniais, trabalho, festa, luto e sobrevivência. A exposição destaca os pontos de vista e olhares daqueles que a habitam, narram e defendem.

Em diferentes técnicas e categorias, os artistas evidenciam a Amazônia para além da paisagem natural. Longe de uma contemplação exótica, a exposição *Além dos Verdes* foca nas vivências humanas e se ancora em obras de arte que expressam formas de resistência e memórias, constituindo diferentes fragmentos da experiência amazônica contemporânea.

As obras reunidas compõem enunciações que apontam para um espaço, simultaneamente, histórico, afetivo e político. Em um extremo, ganham corpo rios, canais, paisagens urbanas, casas e lembranças que reinscrevem o espaço como memória viva; no outro, figuras femininas, encantarias, lutas, performances e rituais. Entre esses polos, a mostra torna visível a passagem contínua entre o abrigo e o conflito, a tradição e a invenção, o silêncio e a tomada da fala pública.



PER CURSO EXPOSITIVO

A exposição é organizada a partir de cinco painéis cenográficos que estruturam o percurso do visitante por diferentes experiências. A composição dos painéis propõe uma atmosfera própria, articulando obras, paisagens, sons, materiais e histórias que conduzem o público a percorrer visualmente e sensorialmente os diferentes temas da exposição, cruzando frestas, portas e janelas conceituais.



3.1 Painel 1 - Abrigo e Conexões

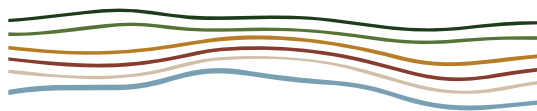
O primeiro núcleo da exposição: - é inspirado nas habitações vernaculares e palafíticas amazônicas, criando uma atmosfera de acolhimento que remete às varandas, estivas e interiores das casas ribeirinhas. O espaço evidencia o acolhimento das varandas, estivas e interiores ribeirinhos — espaços de sociabilidade onde a casa se estende, unindo o rio à floresta.



3.2 Painel 2 - Fortes e Rios

Segundo Silva e Azevedo (2025), habitar envolve uma conexão profunda com o ambiente, experienciada e interpretada de maneira emocional e sensorial pelos seres humanos. Nessa perspectiva, a arquitetura vernacular materializa-se como resultado da interação entre rio, humano e floresta, revelando formas de resiliência e sofisticação ecológica.

Para o segundo núcleo: Fortes e Rios - a estrutura destaca a parede externa da Fortaleza de São José de Macapá com um



agrupamento de obras que comunicam um registro histórico-documental, as transformações urbanas de Macapá e o confronto entre a imobilidade da pedra secular e o fluxo efêmero das ruas. Fortes são os corpos que, como as águas do rio, não aceitam a rigidez do passado e continuam a correr. Essa dinâmica revela mudanças que reconfiguraram seu entorno ao longo do tempo, transformando vestígios coloniais em um suporte de reflexão e crônica urbana.

3.3 Painel 3 - Cultura e Tradição

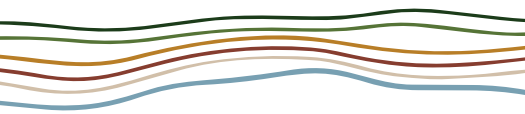
O terceiro núcleo: Cultura e Tradição - evidencia uma estrutura sinuosa com o formato da Fachada de uma Embarcação local em cores vibrantes (amarelo/azul/vermelho), batizado com a tradicional escrita náutica ribeirinha de "Nossa Senhora de Nazaré", dá passagem e serve de suporte para subsistência e o labor tradicional, caminhos, memórias e o imaginário que cruzam as águas doces e a presença sagrada e que sela o sincretismo, a devoção e o respeito profundo aos mistérios e fluxos do rio-mar.



3.4 Painel 4 - Seres da Floresta

O quarto núcleo: Seres da Floresta - se estrutura em camadas que recortam o perfil dos edifícios em expansão na cidade de Macapá ocupado por imagens que questionam as urgências de uma Amazônia urbana com cidades densas, formadas por fluxos migratórios, dinâmicas de consumo aceleradas e conflitos sociais profundos; emergências tão críticas e vitais quanto os crimes ambientais que sufocam as matas e as comunidades ribeirinhas distantes. No espaço expositivo, simbolicamente, à frente e atrás — ao redor — das barreiras de prédios, a rigidez do cimento coabita com a espiritualidade originária, com as lendas e o respeito sagrado ao ecossistema invisível.





3.5 Painel 5 - Morada das Marés

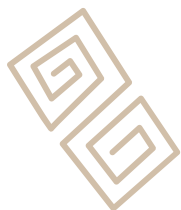
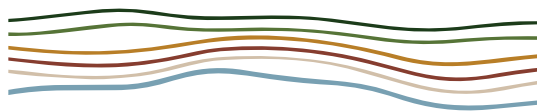
O quinto núcleo: *Morada das Marés* - deixa para trás as silhuetas de concreto e o visitante deságua no espaço final da exposição. O quinto núcleo - traz reflexões, reproduz a fachada volumétrica de uma autêntica casa em palafitas em tom roxo vibrante, apoiada sobre esteios físicos, demarcando o ciclo das marés. Longe de ser um cenário estático, a tipologia habitacional é proposta aqui como herança urbanística. Como aponta o arquiteto Fernando José Mesquita (2017):



"A tipologia habitacional e a morfologia urbana de cidades ribeirinhas sobre palafitas e estivas (...) são passíveis de valoração enquanto patrimônio cultural brasileiro, pois representam um modo de ocupação reproduzido por séculos e que ainda sobrevive mesmo diante de inúmeras influências globais e homogeneizantes." (p. 19)

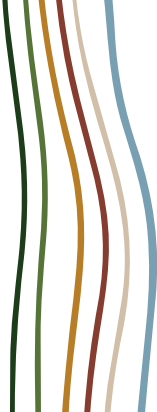
A estrutura funciona como uma arena de manifesto e diálogo direto com as obras do entorno. Na janela da palafita, uma tela embutida ao fundo simula o assoalho, denunciando o consumo e a exploração material do território. Ao final do percurso, os figurinos e adereços das duas performances marcam o chão como testemunhos físicos dos corpos que tombaram e daqueles que se levantam na luta pela terra.





Longe de buscar um consenso passivo, o encerramento da mostra se desenha como uma provocação aberta, na qual cada olhar compreende o espaço a partir de sua própria singularidade, construindo aproximações ou distanciamentos livres diante dos discursos expostos. Mas, se por um instante, o percurso provocar perguntas sobre quem somos para além das matas — se pertencemos ao amanhã ou se somos lançados às margens, e de que modo merecemos ser vistos, escutados e reconhecidos em nossa inteireza — então a exposição já terá cumprido seu propósito, posto que constitui uma pequena parte da imensidão de sentidos, responsabilidades e significados que dão corpo às múltiplas Amazônias.





A ROTA DAS ÁGUAS: A ITINERÂNCIA

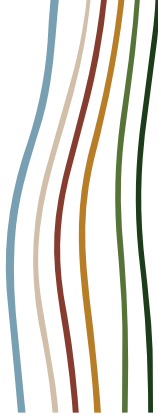
A jornada iniciada na exposição se completa com a programação da itinerância planejada em três etapas estratégicas que cruzam os estados do **Amapá, Maranhão e Pará**. O circuito expositivo começa em **Macapá, no novo Parque Residência, estendendo-se de 20 de julho a 20 de agosto**, migra para a **Galeria Trapiche em São Luís de 1º a 30 de setembro**, e encerra o ciclo na **Galeria Benedito Nunes, em Belém, de 08 de outubro a 08 de novembro**.

A exposição percorre cidades entre três estados distintos, que compartilham um corredor ancestral. Deste modo, bioma e a história não conhecem as divisões burocráticas e são partes de uma mesma matriz de resistência diáspora africana e cabocla que sempre navegou como unidade, cujas muralhas de pedras foram erguidas a partir de um mesmo projeto colonial.

Percorrer esses caminhos significa reconhecer potências culturais, enfrentar as contradições do asfalto e compreender que rios, periferias e florestas compartilham a mesma história. É uma rota que propõe diálogos a partir da compreensão de que o futuro deste território vivo só pode ser pensado e escrito a partir da participação ativa de quem tem os pés fincados nele.



ALÉM DOS VERDES: EXISTÊNCIAS



A mostra abre fissuras nos discursos visuais hegemônicos sobre a região ao reunir 24 artistas que produzem a partir de suas vivências no território Amazônico. Em sua maioria, radicados no Amapá, esses nomes discutem as contradições urbanas sem perder de vista o acolhimento afetivo das comunidades tradicionais. O percurso expositivo transita da paisagem exterior para a complexidade das relações humanas, onde esses vínculos influenciam costumes, memórias e cosmovisões que resistem, ativamente, no dia a dia da região.

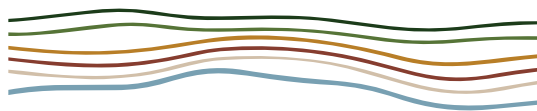
Ao recusar a representação da Amazônia, meramente, como uma massa florestal homogênea, as pinturas, gravuras, esculturas, instalações, fotografias e performances desta mostra evidenciam as muitas cores e pluralidades das existências locais. Afinal, para além do tapete verde visto de cima, existe um território intensamente habitado. É preciso descer ao chão para enxergar as pessoas, os rios, e as complexidades urbanas que existem na região.

As obras reunidas reverenciam a ancestralidade, as águas, o trabalho cotidiano e o legado de comunidades que vivem na contracorrente da exploração capitalista. Além dos Verdes traz para o presente: o visível, o colorido, o caráter político e comunitário que reivindica participação ativa e presença legítima. A mostra afirma o sentimento de pertencimento e a soberania cultural de uma população que transforma um território historicamente cobiçado em um espaço vivo de permanente resistência.

ARTISTAS E OBRAS

- ADRIANE CORRÊA
- JYJY NUNES
- BELE SUN
- FLOWER
- CELIO SOUZA
- DEBORA BARARUÁ
- ERICK XAVIER
- INÁCIO SENA
- JERIEL LUZ
- JONAS MODESTO
- JOZIAS LOPES
- KEKA CANTUÁRIA
- LAURINE CAMPELO
- LEILA SILVA
- MARIO DE SOUZA
- NANNA BRITO
- OSIEL SILVA
- RÔMULO BISPO
- ROQUE BRANDÃO
- SANTIAGO JUNIOR
- SOCORRO SANTOS
- SUZY AGUIAR
- WILL CRUZ
- XAVIER
- YAGO FRANÇA





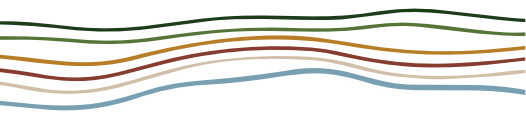
ADRIANE CORRÊA

Adriane Corrêa é idealizadora e curadora da Exposição Além dos Verdes. Artista plástica, artesã, professora e produtora cultural, reside em Macapá-AP e atua de forma contínua no campo das artes visuais, da educação e da cultura amazônica. Foi eleita para a Cadeira de Artes Visuais do Conselho Estadual de Cultura do Estado do Amapá, para o biênio 2026–2028, fortalecendo sua trajetória de participação, representação e defesa das políticas públicas para a cultura.

Ao recusar a representação da Amazônia, meramente, como uma massa florestal homogênea, as pinturas, gravuras, esculturas, instalações, fotografias e performances desta mostra evidenciam as muitas cores e pluralidades das existências locais. Afinal, para além do tapete verde visto de cima, existe um território intensamente habitado. É preciso descer ao chão para enxergar as pessoas, os rios, e as complexidades urbanas que existem na região.

É especialista em Gestão e Docência do Ensino Superior, especialista em Arteterapia, possui MBA em Curadoria, Museologia e Gestão de Exposições em andamento e é graduada em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Amapá. Professora da Rede Estadual de Ensino há 20 anos, ministra aulas de desenho artístico, pintura e artesanato no Centro de Educação Profissional em Artes Visuais Cândido Portinari.

Sua produção artística é marcada pela visualidade regional e pela valorização das poéticas amazônicas. Há mais de 20 anos, atua na criação de figurinos, cenários, esculturas e adereços para teatro e dança, além de desenvolver e ministrar cursos e oficinas de pintura e desenho ar-



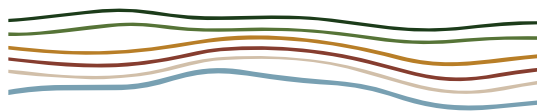
tístico em instituições educacionais e de forma autônoma. Integra a equipe curatorial do Movimento Artístico A Arte que nos Move e do Centro de Educação Profissional em Artes Visuais Cândido Portinari. Foi curadora da exposição "Aonde tu vai rapaz, por este caminho sozinho?" — Imazônia, 2021 — Desde 2002, é co-fundadora e produtora cultural da Associação Folclórica Raizes Culturais e também cofundadora e produtora cultural da Cia de Dança Raizes Culturais, com atuação voltada à divulgação e ao fortalecimento do folclore, das lendas, das tradições e das danças



Tia Chiquinha | 2021 | Acrílico sobre tela | 120 cm x 60 cm

populares da Amazônia brasileira.

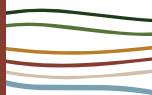
Também integra a coordenação do projeto social Raizes em Ação, que oferece atividades culturais e educativas para jovens em situação de vulnerabilidade social. Participa dos coletivos Imazônia, voltado à arte ecológica; Mulheres da Amazônia, que evidencia a produção artística de mulheres que vivenciam a região; e do Movimento Artístico A Arte que nos Move, reafirmando seu compromisso com a arte, a memória, a educação e a cultura amazônica.



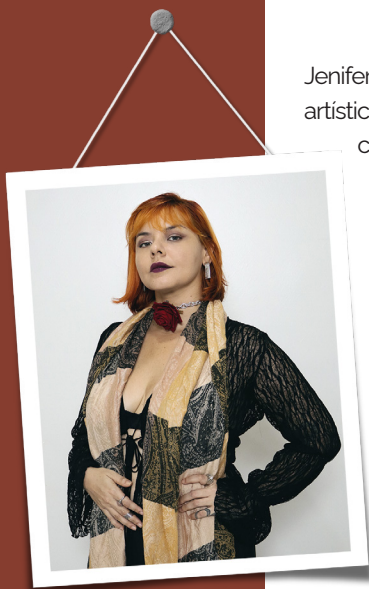
Um suave sorriso, chapéu colorido e vestes floridas, a figura principal com olhar feliz e contemplativo é Francisca Ramos dos Santos, matriarca do Marabaixo conhecida como "Tia Chiquinha". Na cena, a dama da cultura popular amapaense participa da retirada do mastro, cortejo festivo que celebra a alegria, tradição e o legado de resistência em suas bandeiras, caixas, tocadores e dançadeiras.



Abrigo | 2024 | Acrílico sobre tela | 100 cm x 80 cm



Exposição Itinerante
**ALÉM DOS
VERDES**



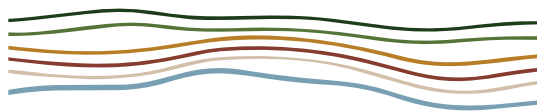
JYJY NUNES

Jenifer Reis Nunes é artista plástica, compositora, diretora artística, professora e produtora cultural. É da equipe de curadoria na Exposição Além dos Verdes. Premiada pelo 9º Salão de Artes do Sesc Amapá (2012) com a obra "Neutra", foi artista selecionada na residência artística amapaense TecnoBarca Bailique (INSTITUTO UNIBANCO/2023); na minissérie documental paraense Tapume (ANCINE/TV CULTURA/2017), e na exposição paraense itinerante de videomapping Projeções do Feminino (FUNARTE/2014).

Crescer entre as capitais amazônicas de Macapá (AP) e Belém (PA) se torna um forte marcador na sua produção artística, destacando as tensões entre a Amazônia idealizada e seus conflitos reais. Sua poética é marcada por elementos surrealistas e místicos que se envolvem em temas como território, ecofeminismo, espiritualidade e mitologia.

É artista com pinturas, murais, ilustrações e desenhos. Desenvolve trabalho em composição e produção musical, e está lançando o EP Surreal Sol em 2026. É diretora criativa e roteirista, com videoartes, curtas metragens e videoclipes. É idealizadora e curadora independente no Amazonie Poiesis, plataforma autônoma dedicada à reflexão e circulação de música, cinema, poesia e artes visuais amazônicas contemporâneas.

Especialista em Teoria e Práticas em Artes e Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Amapá, atua como professora de Desenho e Ilustração no Centro de Educação Profissional em Artes Visuais Cândido Portinari (AP), contribuindo há 10 anos na formação de várias gerações de artistas amapaenses. A destruição da natureza selvagem é a maior fonte de simbolismo do estado brasileiro;



modernização por expropriação. A pintura é uma obra de denúncia que evidencia a violência contra a terra e o abandono dos seres mais atingidos pela devastação da Amazônia: os povos originários, as mulheres extrativistas chefes de família, a fauna e a flora. Kysthar, personagem da artista que representa o elemento Terra em simbiose com o reino animal, surge com vestes de marabaixeiros amapaenses e aparece duplicada, abraçando-se, como quem só pode contar consigo, mesmo sendo todos partes dela mesma. A obra destaca as principais causas da devastação ambiental na Amazônia: pecuária, soja e garimpo.



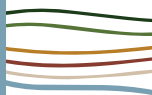
Kysthar, levante da terra | 2024 |
Acrílico sobre madeira | 180x140cm

A destruição da natureza selvagem é a maior fonte de simbolismo do estado brasileiro; modernização por expropriação. A pintura é uma obra de denúncia que evidencia a violência contra a terra e o abandono dos seres mais atingidos pela devastação da Amazônia: os povos originários, as mulheres extrativistas chefes de família, a fauna e a flora. Kysthar, personagem da artista que representa o elemento Terra em simbiose com o reino animal, surge com vestes de marabaixeiros amapaenses e aparece

duplicada, abraçando-se, como quem só pode contar consigo, mesmo sendo todos partes dela mesma. A obra destaca as principais causas da devastação ambiental na Amazônia: pecuária, soja e garimpo.



Em espelhos: aqui | 2011 | videoarte |
8 minutos e 44 segundos



Exposição Itinerante

ALÉM DOS

VERDES



BELE SUNFLOWER

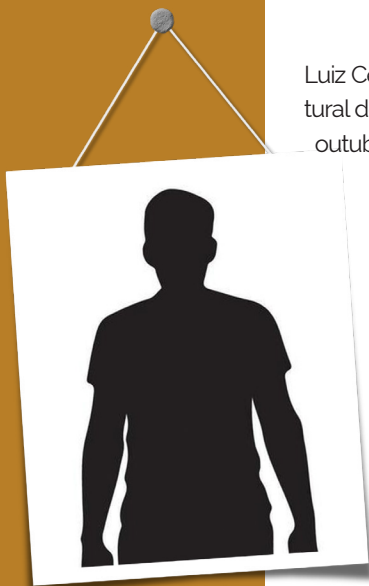
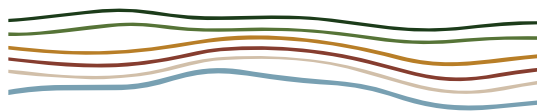
Três marias | 2024
| Pintura digital em
canvas fi ne art | 71
cm x 100 cm

Bele Sunflower, nome artístico de Cibeles Tenório, macapaense, nasceu e cresceu em Macapá, onde atua como professora de desenho, ilustração e pintura digital no Centro de Educação Profissional em Artes Visuais Cândido Portinari. Graduada pela Universidade Federal do Amapá em Artes Visuais e especialista em Games e Gamefi cação na Educação.

Seu estilo artístico recebe influência da ilustração infantil, onde dialoga com as temáticas preferidas da artista, que são as lembranças doces e inocentes da infância macapaense com um pouco de nostalgia. As memórias, as vivências e principalmente a afetividade e o pertencimento compõem o seu fazer artístico. É integrante do coletivo Mulheres da Amazônia e do movimento A arte que nos move.



A constelação do Cinturão de Órion, popularmente conhecida como "Três Marias", foi o primeiro nome de constelação aprendida na infância da artista, ensinada por sua mãe. Esta, por sua vez, aprendeu sobre as constelações com a avó. Ambas costumavam ver as estrelas na ponte, na beira do rio, quando a mãe e bisavó moravam no interior, em Anajás - PA. A obra "Três Marias" homenageia a memória matrilinear da vida da artista.



CELIO SOUZA

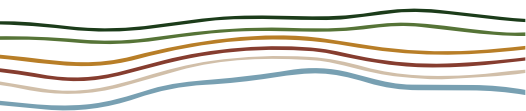
Protestantes
Vermelhos | 2023 |
Acrílico sobre tela |
74 cm x 74 cm

Luiz Celio Silva de Sousa é desenhista, pintor e escultor natural de Vigia de Nazaré (PA). Reside em Macapá-AP desde outubro de 1992. Profissionalmente, produz desde 1994.

Formado em Contabilidade Geral e Complementação Pedagógica (Escola MODERNO - Macapá). Kursou a Escola de Arte Cândido Portinari (atual CEPAV), tornando-se posteriormente professor na instituição, de 1997 a 2012.

Sua produção está diretamente ligada ao contexto da Amazônia brasileira; indo da fauna e flora aos povos e comunidades, com seus costumes, crenças, festas, folclores e paisagens. Através das formas e cores, seus desenhos, pinturas e esculturas denunciam o intrigante convívio entre o ser humano, máquinas e meio ambiente, por vezes um grito de socorro por um mundo mais justo e mais verde, para gerações futuras.

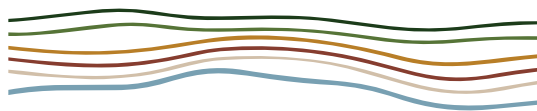




A composição apresenta uma multidão vista de costas, reunida em ato coletivo, ocupando quase todo o espaço da imagem. Os corpos aproximados, as placas erguidas e a predominância dos tons vermelhos, laranjas e escuros criam uma atmosfera de tensão, urgência e resistência. A obra trata de protestos. Enfatiza o levante do povo contra as agressões ao meio ambiente, causadas pelo sistema predatório que coloca em iminente ameaça a nós, o planeta e tudo que nele habita.

TORA | 2023 | Escultura
(madeira, gesso, ferro, resina,
tinta acrílica e esmalte sintético)
| 0,20 x 0,26 x 0,38 cm

Ao representar os tucanos sobre um tronco cortado, a peça evidencia a ruptura entre vida e abrigo, denunciando os impactos da ação humana sobre a natureza. As inscrições presentes na obra reforçam esse caráter crítico, apontando para a exploração predatória, a contaminação e a destruição ambiental como forças que violam o equilíbrio da floresta. Desse modo, a obra transforma a imagem do animal em símbolo de resistência e denúncia, revelando a fragilidade da vida diante de um modelo de desenvolvimento que ameaça a fauna, a flora e os modos de existência da Amazônia.

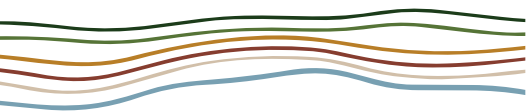


DEBORA BARARUÁ

Débora Bararuá é o nome artístico de Débora Natalina Bastos Bararuá, artista afro-ameríndia nascida Afuá e atuante no estado do Amapá. Administradora pelo CEAP, Licenciada em Teatro e Especialista em Estudos Teatrais Contemporâneos pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), atua há mais de 24 anos na cena artística amapaense. É professora de Arte da Educação Básica, produtora cultural, pesquisadora, cofundadora da Cooperativa de Trabalho Arte e Cultura Imagem e Cia e desenvolve trabalhos nas áreas das Artes Cênicas, Artes Visuais, Audiovisual, Artesanato e Literatura.

Sua trajetória artística articula criação, pesquisa e formação, transitando entre diferentes linguagens e processos colaborativos. Como pesquisadora, dedica-se aos estudos do Rasa-boxes, metodologia que aplica na preparação de elenco para teatro e audiovisual, investigando as relações entre corpo, emoção e presença cênica.

A poética em seu trabalho está fundamentada nas ancestralidades afro-indígenas amazônicas, abordando temas como território, memória, identidade, meio ambiente e resistência cultural. Por meio da performance, da oralidade, da literatura e das artes visuais, constrói narrativas que dialogam com as cosmologias amazônicas e com as urgências contemporâneas, promovendo reflexões sobre pertencimento, coletividade e preservação da vida em suas múltiplas formas.



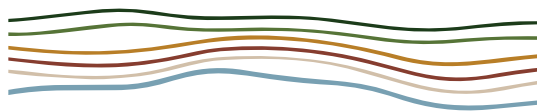
Performance, literatura, oralidade e arte de rua.



A criação do Trabalho Performático “Quem matou Nossa Mãe?” partiu de uma abordagem poética da ancestralidade amazônica que se apoia nas concepções dos povos originários para uma sociedade humana, integrada ao meio ambiente, cujo processo civilizatório naturalmente se constrói como basilar à sustentabilidade das florestas, rios e culturas que enxergam e imaginam a Amazônia de dentro para fora, apartado dos olhares e desejos estrangeiros, onde a ação humana equivale a um fenômeno da própria natureza.

A autoria convida, portanto, a um esquecimento da Amazon para buscar entender a Amazônia em nós, a floresta dentro de nós e ao nosso redor, o homem e mulher amazônidas como engrenagem desse ecossistema, onde, mais que solo, a terra é mãe, é Pachamama (Pátria-mãe).

Quem matou nossa mãe? Performance com estátuas vivas (35 minutos) | performance (5 minutos) | 2021

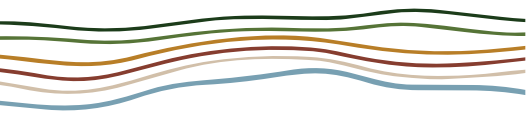


ERICK XAVIER

Erick de Oliveira Xavier é artista plástico formado em Artes Visuais pela UFAM e Design Gráfico pela Uni-Norte. Natural de Manaus, Amazonas. Participou das exposições coletivas. Sua produção é profundamente marcada pela cultura amazônica, com ênfase nas lendas e mitos da região. Erick desenvolve uma linguagem visual que mescla Surrealismo e Expressionismo, criando pinturas de impacto emocional e simbólico.



Memória de um sonho | 2024 | Acrílica e PVA sobre tela
| 40 cm x 30 cm

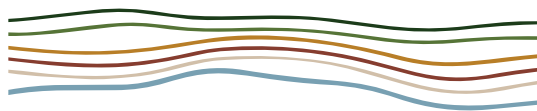


Obra inspirada no sítio de campo da família do artista, carregado de memória e nostalgia. Parte de um sonho em que botos voavam pelos céus, trazendo boas recordações. A pintura mescla o real e o onírico, celebrando a conexão afetiva com a terra e as memórias amazônicas.

Mawé | 2024 |
Acrílica e PVA
sobre tela | 60
cm x 40 cm



A obra retrata a famosa lenda do Guaraná do povo indígena Saterê-Mawé. A pintura condensa toda a narrativa em uma única tela: a vida e morte trágica do curumim, os ritos, a dor e a transformação que gera a planta sagrada. É uma composição sobre superação, força e renascimento.



INÁCIO SENA

José Inácio Pereira Sena, conhecido artisticamente como Inácio Sena, é artista, arte-educador, escritor, roteirista, diretor audiovisual e produtor cultural. Nascido em Castanhal, no estado do Pará, reside no Amapá há mais de 30 anos. Especialista em Teatro, é professor da Educação Básica na rede pública estadual.

Sua formação artística está ligada ao Grupo Imagem e Cia, onde participou de processos de criação, formação teatral e produção cultural. É autor e idealizador do projeto literário Lavra da Palavra, contemplado pelo Edital de Criação Literária Simãozinho Sonhador, da Secretaria de Estado da Cultura do Amapá (SECULT-AP).

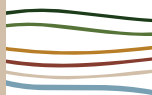
É fundador do Festival de Curtas de Ficção do Amapá, iniciativa dedicada à promoção, difusão e fortalecimento da produção cinematográfica regional. Sua produção transita entre teatro, literatura, performance e audiovisual, explorando temas relacionados à ancestralidade, à memória, à Amazônia e às experiências socioculturais dos povos da região.

Quem matou nossa mãe? Performance com estátuas vivas (35 minutos) | performance (5 minutos) | 2021

Performance, literatura, oralidade e arte de rua.

A criação do Trabalho Performativo "Quem matou Nossa Mãe?" partiu de uma abordagem poética da ancestralidade amazônica que se apoia nas concepções dos povos originários para uma sociedade humana, integrada ao meio ambiente, cujo processo civilizatório naturalmente se constrói como basilar à sustentabilidade das florestas, rios e culturas que enxergam e imaginam a Amazônia de dentro para fora, apartado dos olhares e desejos estrangeiros, onde a ação humana equivale a um fenômeno da própria natureza.

A autoria convida, portanto, a um esquecimento da Amazon para buscar entender a Amazônia em nós, a floresta dentro de nós e ao nosso redor, o homem e mulher amazônidas como engrenagem desse ecossistema, onde, mais que solo, a terra é mãe, é Pachamama (Pátria-mãe).



Exposição Itinerante

ALÉM DOS

VERDES



JERIEL LUZ

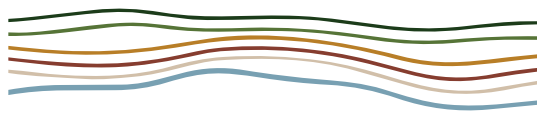
Pirarucu | 2018 | série
jeito tucuju | Acrílica
sobre tela | 50 cm x
40 cm

Artista plástico natural de Macapá, expressa a cultura amazônica em suas obras inspiradas nas narrativas de sua mãe e na vivência ribeirinha. Formado em Artes Visuais, ele aprimorou sua técnica na Escola de Artes Cândido Portinari e no SENAC.

Em 2008, criou a Pop Art Tucuju, estilo que mescla influências da Pop Art, Cubismo e Fauvismo com elementos da cultura local, resultando em uma linguagem visual vibrante e engajada. Sua arte não apenas retrata, mas dialoga com a riqueza natural e cultural da Amazônia, celebrando suas tradições e memórias.

Realizou exposições no Brasil e no exterior, como em Paris e Lisboa. Em 2013 sua exposição FIGURAÇÕES destacou o cotidiano ribeirinho, a fauna e flora do Amapá. Marcadas por cores intensas e estética simplificada, suas obras convidam à reflexão sobre identidade, diversidade e a importância da preservação cultural amazônica.



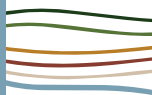


A obra busca eternizar a cultura e o cotidiano amazônico, destacando a figura do ribeirinho e sua relação com a natureza. A pintura é marcada por cores vibrantes e os traços estilizados, influenciados por movimentos como Cubismo e Fauvismo, características que o autor nomeia como Pop Art Tucuju.

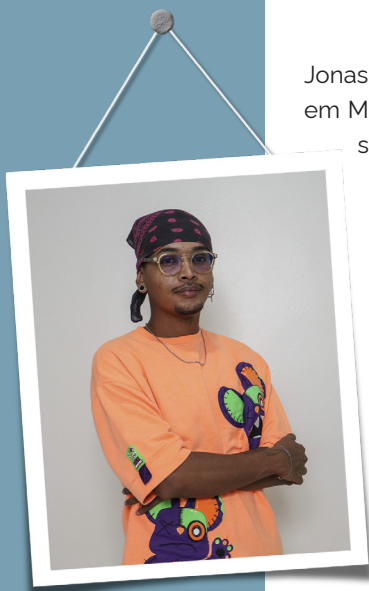


Preparo do açaí – amassadeira | 2018 | da série jeito tucuju | Acrílica sobre tela | 50 cm x 40 cm

A obra representa o labor dos ribeirinhos na preparação do açaí em sua forma original, amassado à mão. Ao retratar essa prática ancestral, documenta-se um costume essencial das comunidades ribeirinhas. A pintura se torna um testemunho visual do vínculo entre o povo e a floresta, ressaltando a importância do açaí não apenas como alimento, mas como um elemento fundamental da identidade cabocla e ribeirinha.



Exposição Itinerante
**ALÉM DOS
VERDES**



JONAS MODESTO

Jonas José Modesto Sousa é pintor e escultor nascido em Macapá. Licenciado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Amapá e Técnico em Artes Visuais pelo Centro de Educação Profissional em Artes Visuais Cândido Portinari.

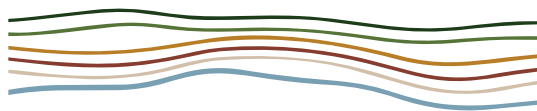
Seus trabalhos com pintura tem enfoque na diversidade sexual e cultural, onde busca mostrar o orgulho LGBTQIAP+ e a cultura do Norte e a amapaense.

Atualmente trabalha na Galeria de artes J. Márcio, onde fez parte da construção das esculturas e monumentos em Macapá: Aníbal Barcelos, Bira, Monumento dos Povos do Meio do Mundo, as Lavadeiras e o Açaízal. Trabalha com histórias em quadrinhos, estampas manuais em camisas e tatuagem.

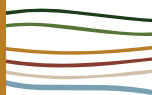
A obra destaca a ancestralidade cultural do Marabai-xo e das tradições do povo negro amapaense, saberes transmitidos de geração em geração, de mães para filhos, e perpetuados na sociedade como símbolo vivo da história do Amapá.

A figura feminina em destaque carrega elementos visuais que remetem à força da mulher negra, e à memória coletiva. As folhas, o tecido vermelho, a ave e os recortes sobre o rosto sugerem camadas de identidade, tempo e ancestralidade, revelando que a tradição permanece no passado e se reinventa, resiste e continua viva nos corpos, nos gestos, nos cantos e nas celebrações do povo amapaense.





Negritude Marabaixo | 2025 | pintura digital | 29,7 cm x 42 cm



Exposição Itinerante

ALÉM DOS

VERDES



JOSIAS LOPES

Jozias Lopes iniciou sua trajetória artística em 2019, ao participar do curta-documentário *Sacaca: A Lenda*.

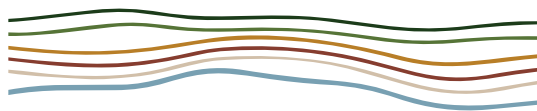
Desde então, vem investindo continuamente em sua formação por meio de oficinas de atuação para cinema e teatro. No mesmo ano, passou a integrar o Grupo Imagem e Cia, onde se destacou como performer de estátua viva.

Em 2022, tornou-se cofundador da Cooperativa de Trabalho Arte e Cultura Imagem e Cia, ampliando sua atuação nas áreas do teatro, das artes visuais, da performance e do audiovisual. Cristão evangélico, também desenvolve trabalhos no segmento gospel, participando de encenações e peças religiosas em igrejas.

Desde 2022, integra o espetáculo performático *Quem Matou Nossa Mãe?*, no qual interpreta o personagem Cavaleiro das Cinzas. Em 2026, circulou com a montagem pela Região dos Lagos do Amapá, realizando apresentações em escolas e praças públicas nos municípios de Pracuúba, Tartarugalzinho e Amapá.

Praticante de Muay Thai, Jozias Lopes reconhece na disciplina, na humildade e no aprendizado constante valores essenciais para sua trajetória pessoal e artística. Sua atuação une corpo, presença cênica, fé e compromisso com a arte como instrumento de expressão, formação e transformação social.

Quem matou nossa mãe? Performance com estátuas vivas (35 minutos) | performance (5 minutos) | 2021



KEKA CANTUÁRIA

Mazagão, Batalha de
São Tiago | 2025 | tinta
acrílica em tecido lona |
73 x 43 cm

Carlos Cantuária, 1956, é artista plástico, escultor e escritor, conhecido no meio artístico como Keka Cantuária. Com formação em Administração, é especialista em planejamento urbano pela Universidade Federal do Amapá.

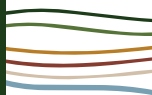
Atuante nas artes plásticas e esculturas, foi selecionado no ano de 2024 na exposição coletiva bienal do 18º Salão de artesanato brasileiro, em São Paulo.

Publicou as obras literárias o Guerreiro Tucuju (1989), O Vento dos Açaizais (1991), Asas da imaginação (2013), Sapipa e os cantadores da floresta amazônica (2025) e o livro infantil JATAÍ abelhinha surfista (2026).

De linguagem expressionista, a obra retrata a batalha entre mouros e cristãos, episódio rememorado na tradicional manifestação cultural de São Tiago, no município de Mazagão, no Amapá. A cena evidencia a



força simbólica dessa celebração, reconhecida como patrimônio cultural imaterial amapaense e brasileiro. Por meio das cores, dos personagens montados, da igreja, das casas e do cortejo, a obra valoriza a memória histórica e religiosa da comunidade, destacando a Festa de São Tiago como expressão de fé, identidade e resistência e cultural do povo mazaganeiro.



Exposição Itinerante

ALÉM DOS

VERDES



LAURINE CAMPELO

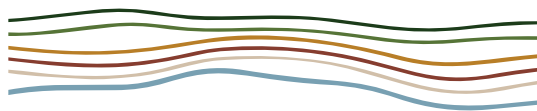
Memória Individual |
2024 | Fotografia | 29,7
cm x 42,0 cm

Laurine Campelo, nascida em Macapá-AP, é professora e coordenadora do curso técnico em Processos Fotográficos (2025-2026) no Centro de Artes Visuais Cândido Portinari (AP). É graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Amapá (2009). Especialista em metodologia do Ensino de Artes e Docência no Ensino Profissional e Tecnológico.

Integrante do Coletivo Mulheres da Amazônia, participou de uma exposição com o grupo em 2024. Em 2023, a exposição "Dia do artista plástico". Em 2026 a exposição "Imagens e memórias de Macapá". Curadora da Exposição "Ajustando o Foco" em 2025. Participação na exposição "Café com memórias" em 2026. Coordenadora geral do projeto "FACES

Artísticas" em 2023;



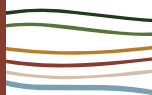


é apresentada em seu gesto de trabalho, concentrada no manejo do tecido, revelando a força silenciosa de quem constrói, repara e sustenta a vida pelas mãos. A fotografia em preto e branco intensifica a memória, a intimidade e a dignidade da cena, valorizando o ofício, e a presença feminina como base de afeto e reconhece a potência das mulheres amazônicas, que transformam necessidade em criação, cuidado em sustento e trabalho em gesto de amor.

Fragmento | 2024
| Fotografia | 29,7
cm x 42,0 cm



A imagem mostra uma atividade laboral, a força silenciosa de mulheres que, por meio do trabalho, mantêm suas famílias, organizam seus mundos e afirmam sua presença na vida social. O enquadramento fechado valoriza as mãos como protagonistas, evidenciando nelas marcas do tempo, da experiência e da dedicação. No cotidiano aparentemente simples, revela-se a grandeza das mulheres amazônicas, que transformam o trabalho em cuidado e o cuidado em existência.



Exposição Itinerante

ALÉM DOS

VERDES



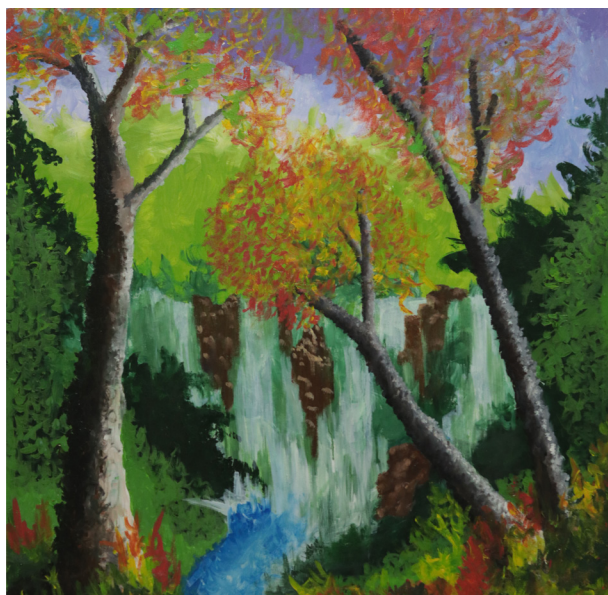
LEILA SILVA

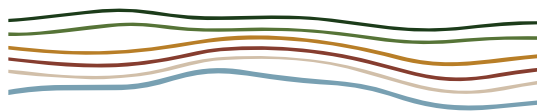
Cores do Amanhecer
| 2024 | Acrílico sobre
tela | 100 cm x 80 cm

Nascida em Macapá, 1967, começou no artesanato com iniciação em pintura em tecido aos quinze anos (1982). Participa desde 2018 do Instituto de Poéticas Visuais da Amazônia – IMAZÔNIA.

Tem na ECOARTE uma proposta estética pautada no compromisso social da arte com as questões ambientais. A primeira exposição com o coletivo Imazônia foi no espaço do IPHAN AP, com o título: Poética Herança Africana. Participou de outras exposições e atividades artísticas junto ao coletivo IMAZÔNIA, participando de 15 exposições coletivas, além de 2 individuais.

Em 2020, a Exposição Cores, vivências e formas; Em 2022, a exposição coletiva Fragmentos do Amapá e a exposição "Aonde tu vai rapaz,





por esse caminho sozinho?”. Em 2024 integrou um coletivo de mulheres com a exposição coletiva Amazônia bela, na Galeria Antônio Munhoz/Sesc AP.

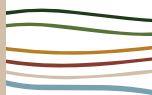
Com pinceladas marcadas e um colorido intenso, a obra destaca a variação de cores que o amanhecer torna visível aos olhos, acalmando a mente, um mecanismo de oxigenação funcionando como uma preparação para mais um dia que se apresenta. As pinceladas expressivas e a mistura intensa de cores revelam uma natureza

cheia de energia, sons, cheiros e presença. É uma imagem de contemplação, reconhece a natureza como casa, origem e continuidade.

A obra apresenta a onça-pintada como presença central e soberana da floresta. O animal ocupa quase todo o espaço da composição, com o olhar atento e a boca aberta, sugerindo o fundo verde, com árvores e sombras, situando o animal em seu ambiente natural. A onça aparece como símbolo diante das ameaças que atingem a floresta, como o desmatamento, a caça, a invasão de territórios e a destruição dos habitats naturais. Lembra que a Amazônia não é apenas paisagem: é morada de seres vivos, território de equilíbrio e espaço de coexistência. Proteger a floresta é também proteger a presença, a força e o direito de existência desses animais.



Garras | 2024 | Acrílico
sobre tela | 64 cm x 35 cm



Exposição Itinerante

ALÉM DOS

VERDES



MARIO DE SOUZA

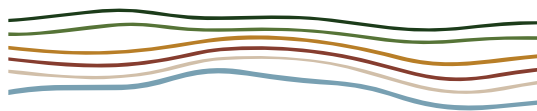
MÁRIO DE SOUZA, natural de Macapá-AP, atua no setor artístico desde 2002, na área de Artes Visuais. Autodidata, iniciou um processo de pesquisa e experimentos de diversas técnicas tradicionais e contemporâneas, trabalhando principalmente com a Arte Ecológica.

Pinta vários temas como paisagens, principalmente amazônicas, natureza morta, animais, pássaros, indígenas, retrato.

É integrante do Instituto de Poéticas Visuais da Amazônia - IMAZONIA desde 2014, atualmente coordenador do grupo, participa de várias exposições coletivas, dentro e fora do estado. A obra apresenta uma paisagem urbana de memória histórica, marcada por construções antigas, igreja, casas coloniais, caminhos



Macapá Histórica | 2011 | óleo sobre tecido em madeira | 95 cm x 58 cm

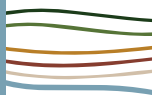


de terra e um amplo espaço verde. O céu em tons de azul, lilás, amarelo e laranja cria uma sensação de entardecer, trazendo saudade e nostalgia à paisagem. As cores equilibram a serenidade do espaço com a força afetiva, como se a obra preservasse um recorte de tempo, a pintura valoriza a memória do lugar e reconhece a importância dos espaços históricos. São lugares de



Macapá Histórica II | 2021 | Pirogravura | 100 cm x 80 cm
encontros, fé, cultura e identidade.

As obras foram feitas com aproveitamento de tampo de caixote usando o conceito de Arte Ecológica, ambas fazem parte da série MACAPÁ HISTÓRICA. São obras que enfatizam a história e identidade da cidade de Macapá, preservando a memória ao representar a arquitetura de outrora, resgata um pouco da história da cidade e preserva um fragmento de história. Ela valoriza a arquitetura como testemunho da formação cultural do lugar, lembrando que as ruas, igrejas e casas guardam marcas de vidas, encontros, deslocamentos e memórias coletivas.

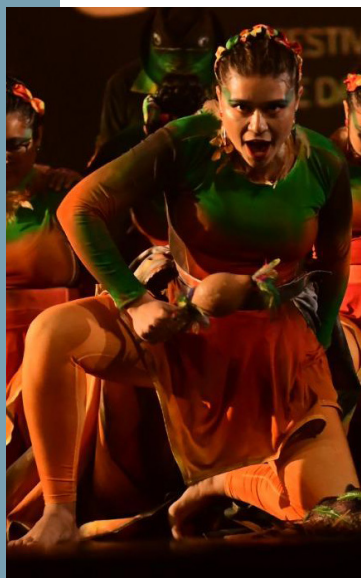


Exposição Itinerante
**ALÉM DOS
VERDES**



NANNA BRITO

Cy metamorfoses|
Performance (10
minutos)

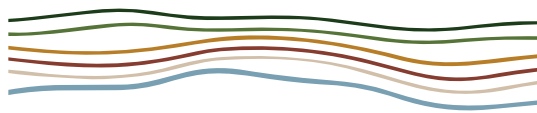


Artista visual, coreógrafa, dançarina, performer e produtora cultural natural de Almerim (PA), reside em Macapá há duas décadas. Bacharel em Direito pela Faculdade Estácio de Macapá (SEAMA), é acadêmica de Educação Física da Universidade Federal do Amapá.

Atua na Associação Folclórica e Recreativa Raízes Culturais desde 2005, nas funções de coreógrafa (desde 2010), Miss Caipira (desde 2008), produção e direção. É co-fundadora e produtora cultural da CIA de Dança Raízes Culturais, a qual desenvolve projetos de divulgação e fortalecimento do folclore, lendas, tradições e danças populares da Amazônia brasileira.

É coreógrafa e dançarina do grupo de dança Move-re in Dance, desde 2014. Atriz de teatro, desde 2011,

participa de diversas produções teatrais junto ao grupo Imagem e Cia, e do grupo Encenarte Produções Artísticas, da qual é co-fundadora. É integrante e coreógrafa de Comissões de Frente de carnaval. Participou de vários grupos de danças populares: toada e bandas musicais, quadrilha junina, carnaval. Ministra oficinas teatrais de expressão corporal em projetos sociais e culturais no Amapá.



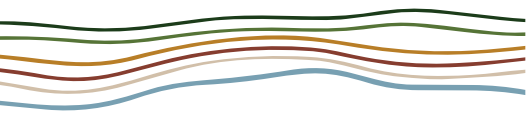
OSIEL SILVA

Curumim | 2026 |
Pirografia | 80 cm x 70 cm

Amapaense, desde criança já demonstrava habilidades para o mundo da arte. Em 2018 ingressou no Instituto de Poéticas Visuais da Amazônia/IMAZONIA, a partir de então inicia um período de experimentações e pesquisas artísticas, cujo desenvolvimento e abordagem estão ligados a temáticas ambientais e culturais da região do Amapá, utilizando em suas obras principalmente as técnicas de pirografia e aquarela.

A obra destaca a infância, com o rosto de uma criança levemente inclinado com expressão serena, quase silenciosa, criando uma atmosfera de contemplação e afeto. No calor do fogo sobre a madeira, nasce um rosto delicado, marcado por grafismos, silêncio e ancestralidade. O cocar se abre como força e proteção, enquanto a criança parece guardar a permanência de culturas que resistem apesar dos apagamentos históricos. É uma imagem de afeto: um corpo pequeno, mas carregado de história, raiz e futuro.



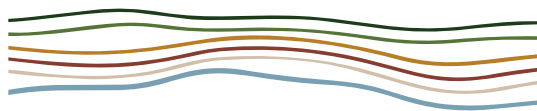


Ancestrais | 2025 | Técnica
Mista | 33 cm x 24 cm

Trabalho feito com refugo, sobras de materiais de construção e moldura confeccionada de modo artesanal, enfatiza elementos da cultura e tradição indígena, adereços e pintura corporal feitas de forma manual, com recursos obtidos diretamente da natureza. A obra apresenta uma figura indígena em movimento, vista de costas, com os braços

erguidos em gesto de força, celebração ou chamado espiritual. O corpo inclinado para cima sugere conexão com o céu, com os ancestrais e com os elementos da natureza.

A presença do maracá ou instrumento ritualístico na mão reforça a ideia de canto, dança, cura e comunicação sagrada. A obra fala de presença, ancestralidade e movimento. O personagem não está parado: ele dança, invoca, celebra e afirma sua existência. É uma imagem de força espiritual, o corpo se transforma em ponte entre memória e resistência.



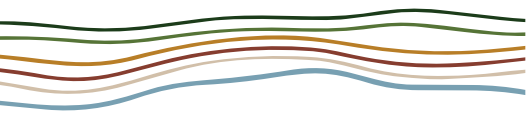
RÔMULO BISPO

O ladrão do Marabaixo | 2021
| Instalação - Entalhe em
madeira | 100 x 100 cm

Iniciou suas experiências artísticas de forma autodidata, atuando em eventos com trabalhos de decorações, adquirindo novas habilidades de criações e confecções de brindes, barquinhos dentro de garrafas, luminárias em PVC, trabalhos com materiais rústicos, etc.

Aproximando-se de artistas que grafitavam, passou a desenvolver trabalhos nesta área e a ser conhecido com trabalhos informais de artes. Conheceu e ingressou no Instituto de poéticas visuais da Amazônia/IMAZONIA, iniciando pesquisas e desenvolvendo trabalhos com pirogravuras, aerografi a e técnicas com lápis e aprimorando seus conhecimento com as artes, adotando como nome de profissão R. Bispo.





Em madeira, de aspecto rústico, destaca uma caixa de marabaixo como base de sustentação. A partir dela o tocador a dançadeira e o cantador de ladrões, são partes inseparáveis de um conjunto que unificado dá vida a uma das maiores tradições populares do Estado do Amapá: O marabaixo.

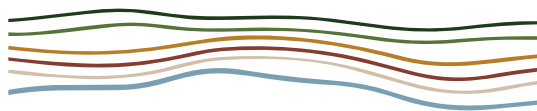
A obra será apresentada como instalação escultórica de observação frontal, organizada em um núcleo expositivo próprio. A instalação se constrói pela presença dos objetos no espaço, pela relação entre madeira, tambor, cordas, imagem, luz e memória cultural, criando uma ambiência sensível em torno da obra. A composição

cria uma experiência de memória e ritmo, articulando imagem, objeto, som e ancestralidade.



A imagem, construída em tons queimados sobre a madeira, valoriza a memória, o tempo presentes nos corpos, nos gestos e no som que o tambor anuncia. Os personagens resguardam um saber coletivo. Seus rostos expressivos, seus chapéus, roupas simples e pés descalços evidenciam uma ligação profunda com a terra, com a comunidade e com os modos de vida tradicionais. O tambor, no centro da composição, torna-se mais instrumento: é voz, chamado, celebração e comunicação entre gerações.

O ladrão do Marabaixo | 2021 | Instalação - Entalhe em madeira | 100 x 100 cm



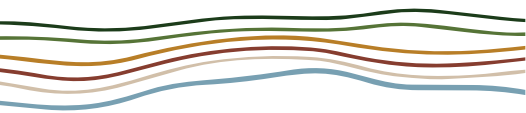
ROQUE BRANDÃO

Louvação | 2026 |
técnica mista | 1,20 cm x
80 cm x 40 cm

Roque Nascimento Brandão, nascido em Macapá (AP), é artista plástico que desenvolve trabalhos em desenho, ilustração científica, pintura em telas, esculturas, fotografia e eco-arte.

Premiado pela 1ª edição do Salão do Artes Sebrae AP, em parceria com o Casa Cor, com a obra intitulada O Culto (2007). É vice-presidente e coordenador do Imazônia (Instituto de Poéticas Visuais da Amazônia), que tem como metodologia e filosofia de trabalho a eco-arte, o grupo já atuou com 35 exposições coletivas, além de exposições individuais.





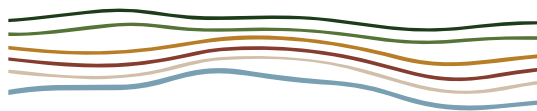
A obra se inspira nos "ladrões do marabaixo", cântico ancestral do povo afro-amapaense. A musicalidade e saudosismo da essência das tradições, fundamentos e preceitos dos mestres e mestras que, no toque das caixas de marabaixo, saúdam a Santíssima Trindade dos inocentes e do Divino Espírito Santo. A escultórica e o uso da madeira, valoriza o corpo em movimento, o canto e o gesto como expressões de cultural, reafirma o Marabaixo como patrimônio vivo, onde música, devoção, memória e identidade afro-amapaense permanecem através das gerações.

Baseada no afeto e na cosmovisão dos povos originários da Amazônia, a obra retrata uma criança indígena em um abraço de despedida daquilo que pode sumir nos próximos anos: a floresta, a humanidade e todas as formas de vida. O gesto do abraço revela cuidado e dor. A criança não se despede apenas de uma árvore, mas de um mundo inteiro ameaçado pela destruição ambiental. A obra denun-

cia, com delicadeza e força, a urgência de proteger a vida e os territórios que sustentam a existência.



Curumin | 2026 | técnica mista - Acrílica e madeira sobre tela
| 120 cm x 80 cm



Artesão gravurista. Natural do Rio de Janeiro/RJ. Especialista em Arte Educação, licenciado em Educação Artística – Artes Plásticas/UFPE.

Docente do estado do Amapá, desde 2006, lotado no CEP Cândido Portinari/AP. Professor do Curso Técnico em Artesanato, de Artes Visuais, e do FIC Gravurista. Ministrou cursos livres e FICs, em teatro, no CCFA.

Escreve, dirige e atua na Trupe Cênica Cidade Nova Produções - desde 2006, e Movimento Cênico Artheatrum - desde 2009. É produtor cultural, dramaturgo, diretor e ator de teatro, poeta, desenhista, ilustrador e compositor musical. Membro da UBE/PE, SPVO e do Coletivo Café e os Poetas/AP.

SANTIAGO JUNIOR

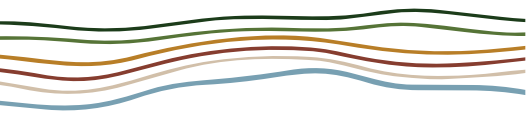
**Série: Tábua de Carne – Antropofagias Amazônidas |
2024 | Instalação Pirogravura sobre Madeira**



1) "JABUTICANDO" | 17,5
cm x 35,5 cm



2) "FILOZOOFANDO" | 23 cm x 44 cm



3) "GRITO AMAZÔNICO"
| 44 x 23 cm



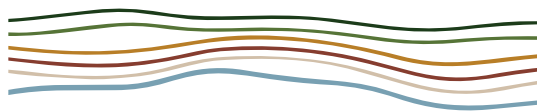
4) "BLACK LIVES MATTER"
| 44 x 23 cm



5) "BUFALOGADO"
| 23 x 44 cm

Na instalação de Santiago Junior, o cotidiano é elevado à dimensão ritual. Objetos domésticos de corte, marcados pelo tempo, são convertidos em relicários sobre caixotes e mastros de Marupá — madeira sagrada dos estandartes do Marabaixo que evoca a resistência ancestral.

Sob luz âmbar, sobre um chão de serragem e cavacos, o público adentra a materialidade da oficina e da floresta. A obra opera como um manifesto antropofágico, devorando referências para fundar uma visualidade amazônica contemporânea, miscigenada e identitária, onde o ato de consumir e ser devorado torna-se reinvenção poética.



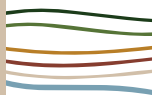
SOCORRO SANTOS

Memórias | 2024 | Acrílica sobre tela | 70
cm x 60 cm

SOCORRO SANTOS, artista e professora de Artes no Centro de Educação Profissional em Artes Visuais Cândido Portinari. É natural de Salinópolis (PA), local onde passou toda a sua infância, e desenvolveu o gosto de desenhar pássaros e natureza - tema recorrente em suas obras. É uma pintora que transita entre aquarela e acrílica. É integrante do Coletivo Mulheres da Amazônia.



A obra resgata a pureza e a nostalgia da infância, trazendo à tona recordações de brincadeiras ao ar livre, onde a liberdade se manifesta no simples ato de correr contra o vento, segurando uma flor de dente-de-leão. É onde se dá a experimentação de um momento mágico, observando suas pétalas desprenderem-se e serem levadas pelo vento, como pequenos fragmentos de sonhos levados pela brisa. A obra convida o observador a reviver a infância e refletir sobre o valor das pequenas alegrias, transformando um gesto singelo em um símbolo de liberdade e imaginação.



Exposição Itinerante
**ALÉM DOS
VERDES**

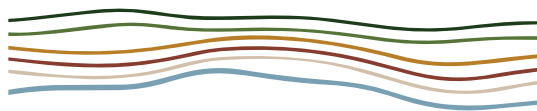


SUZY AGUIAR

Iemanjá e seus encantos
| 2024 | Acrílica e lápis
de cor | 53 cm x 38 cm

Natural de Macapá, é técnica em agente de cooperativismo formada pelo IFAP Santana. Participa desde 2012 do Instituto de poéticas Visuais da Amazônia – Imazônia. Tem na Arte Ecológica uma proposta estética pautada no compromisso social da arte com as questões ambientais. A primeira exposição com o coletivo Imazônia foi no espaço do IPHAN AP, com o título: Poética Herança Africana. Participou de outras exposições e atividades artísticas junto ao coletivo Imazônia: Em 2020, a Exposição Cores, vivências e formas; Em 2022, a exposição coletiva Fragmentos do Amapá e a exposição "Aonde tu vai rapaz, por esse caminho sozinho?". Em 2024 integrou um coletivo de mulheres com a exposição coletiva Amazônia bela, na Galeria Antônio Munhoz/Sesc AP.





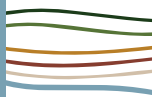
A obra se inspira na religiosidade afro-brasileira, a orixá Iemanjá é retratada sobre ondas, encantando os peixes à sua volta. É mostrado seu simbolismo como força da natureza, representando a força das águas, sua biodiversidade aquática e misticismo.

Inspirada em fatos históricos da época do Brasil Colonial na região do Amapá, quando uma colônia portuguesa no Marrocos, na África, chamada Mazagão do Marrocos, hoje Al Jadida, foi desativada e transferida para a Amazônia brasileira. Os primeiros habitantes, aproximadamente 160 famílias, chegaram na região em 1769 à vila de Nova Mazagão, hoje Mazagão Velho, que foi fundada em 23 de janeiro de 1770 pelo rei de Portugal. Como memória histórica restaram apenas as ruínas da Igreja Construída pelos imigrantes na época em solo amapaense.

A obra retrata as ruínas históricas da igreja marroquina no tempo da colonização portuguesa, momento histórico que influenciou nas tradições e cultura local.



Ruínas da igreja
marroquina em
Mazagão | 2021 |
Acrílica sobre tela
| 78cm x 87 cm



Exposição Itinerante
**ALÉM DOS
VERDES**



WILL CRUZ

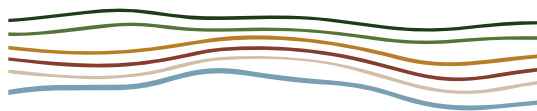
Will Cruz, 1994, macapaense, é artista e arte-educador. Trabalha com pintura em tela, pirogravura, escultura, ilustração e ilustração digital. Abordando o cotidiano da Amazônia por meio de crônicas visuais, articula tradição e contemporaneidade em suas obras, trazendo temas ligados à identidade ribeirinha e urbana do povo amapaense, às questões sociais e ambientais, valorizando o Amapá como espaço simbólico e político. Sua arte dialoga com referências decoloniais, afro-brasileiras e indígenas.

É pós-graduado em Arte e Educação, formação acadêmica no curso Licenciatura Plena em Artes Visuais pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), e formação técnica em Ilustração pelo Centro de Educação Profissional em Artes Visuais – Cândido Portinari (CEPAV).

Participou do Instituto de Poéticas Visuais da Amazônia – IMAZÔNIA. Atualmente, é membro do coletivo APQUADRINHOS. É idealizador e produtor do projeto cultural A Arte que nos move. Foi um dos ilustradores do livro "Mazagão" do escritor Gian Danton. Foi membro da Equipe de mediação artística da 6ª itinerância da 1ª Bienal das Amazônias: Bubuia – águas como fonte de imaginações e desejos; e monitor de exposição da "Exposição: Amazônia – um olhar para a preservação do magnífico santuário da Mãe Natureza", projeto realizado com recurso da Lei de incentivo à cultura PRONAC 242935.



Sem título | Colagem sobre Madeira
| 30 cm x 20 cm



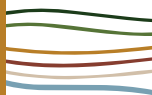
A obra utiliza colagem e pintura como processo de experimentação técnica e reflexão poética. Papéis pintados com tinta acrílica foram recortados e reorganizados sobre madeira a partir do desenho de uma casa de alvenaria situada no mesmo bairro em que vive o artista. O trabalho dialoga com a invisibilidade das paisagens periféricas de uma Amazônia urbana, e reflete através da

colagem como metáfora, sobre como nossas histórias são formadas por fragmentos de vivências, memórias e relações construídas com o outro e o ambiente.

A obra ressalta o Marabaixo, expressão amapaense reconhecida como patrimônio cultural do Brasil em 2018. Uma marabaixeira é representada em movimento, dançando enquanto com as mãos acorrentadas a segurar sua saia. Ao fundo, a presença de um preto velho evoca a ancestralidade e reforça as dimensões históricas, culturais e de resistência que constituem o movimento.



Marabaixeira | 2024 | Pirogravura | 160 cm x 80 cm



Exposição Itinerante

ALÉM DOS

VERDES



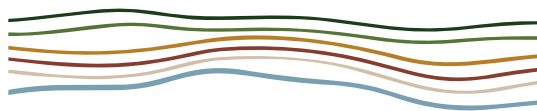
XAVIER

Jeffersonson Xavier, 1985, é natural de Marabá (PA), vive e trabalha na cidade de Macapá desde 2005. Autodidata, desde os 15 anos participou de mostras artísticas na escola com os retratos e caricaturas que criava. Estudou artes plásticas na Escola de Artes Cândido Portinari e Artes Visuais da Universidade Federal do Amapá. É integrante do grupo Imazônia, onde participou de pesquisas visuais, exposições coletivas, feiras, eventos e ações culturais e educativas.

A pintura retrata um período histórico em que a cidade de Macapá estava passando por desenvolvimento econômico e social, impulsionado principalmente pela exploração de recursos naturais, como a borracha e a pesca. O canal da Mendonça Júnior desempenhava um papel crucial no transporte de mercadorias e pessoas, facilitando o comércio e o movimento de bens entre as comunidades ribeirinhas e a cidade.



Canal da Mendonça
Júnior, 1950 | 2011 |
Acrílica sobre tela |
90 cm x 60 cm

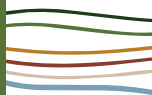


A pintura retrata um pai segurando seu filho nos braços enquanto ele agoniza. O rosto do pai está marcado pela dor e pela angústia, seus olhos expressam uma mistura de tristeza e desespero diante da violência que os cerca. O filho parece frágil e vulnerável, sem ferimentos visíveis, porém a palidez da morte se instala em seu rosto. O cenário ao redor está em tumulto, com destroços e fumaça, refletindo o horror dos impactos ambientais. Apesar do caos, a figura do pai permanece como um símbolo de amor e proteção,

destacando a humanidade em meio à brutalidade. A pintura evoca uma profunda reflexão sobre o impacto devastador que a degradação tem em todo o planeta, e mostra a fragilidade do ser humano diante desta realidade.



Quem pode salvar
o planeta? | 2025 |
Acrílica sobre tela|
90 cm x 60 cm



Exposição Itinerante

ALÉM DOS

VERDES



Yago França, 1994, é artista plástico, fotógrafo e filmmaker nascido em Laranjal do Jari (AP). Começou a pintar quando criança, inspirado pelas capas de discos e cd's de bandas de rock dos anos 80 e 90. Sua produção artística dialoga com identidade, território e memória. Por meio de cores, formas e narrativas visuais suas obras exploram os estilos street arte, pop arte, cartoon arte e o grafite.

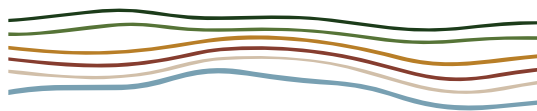
Yago transforma experiências e sentimentos em composições que convidam à reflexão e ao pertencimento. Seu trabalho busca valorizar a diversidade cultural e a conexão entre passado, presente e futuro, construindo uma linguagem visual autêntica e sensível.

XAVIER



Durante sua trajetória artística Yago França já participou de concursos de grafite, concursos de pintura, exposições e mostras de suas artes. Em 2022 o artista teve a honra de expor suas obras em uma exposição no Navio Iluminado, fazendo suas obras chegarem a outros lugares.

Originais | 2021 | Acrílico e spray sobre tela | 100 cm x 90 cm

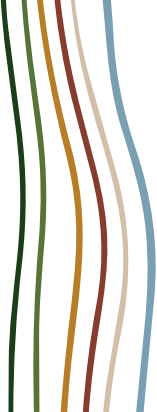


A obra homenageia os primeiros habitantes deste território, celebrando a riqueza simbólica dos povos originários, evocando sua relação sagrada com a natureza e sua permanente resistência diante das transformações históricas, reconhecendo sua contribuição essencial para a construção da cultura brasileira. A obra reflete sobre a preservação das tradições, o respeito à diversidade e a valorização dos conhecimentos ancestrais que atravessam gerações. É uma celebração da vida, da cultura e da memória coletiva.



Originais | 2021 | Acrílico e spray sobre tela | 100 cm x 90 cm

A obra revela o ritmo silencioso da floresta e celebra a conexão entre a terra, as árvores centenárias e aqueles que delas vivem, retratando a abundância, a resistência e a memória que florescem sob as copas das astanheiras. “Vida no Castanhal” é um convite para contemplar a harmonia entre natureza e cultura, onde cada fruto, cada raiz e cada caminho contam histórias de pertencimento e continuidade. A obra também traduz os encontros entre o ser humano e a natureza, onde as castanheiras guardam memórias, alimentam gerações e sustentam sonhos. “Vida no Castanhal” é um canto visual à força serena da floresta e ao elo profundo que une seus povos ao território.



CIRCUITOS, FLUXOS E ATIVAÇÕES

A estratégia de mediação e o calendário educativo foram estruturados, preferencialmente, em dias úteis para assegurar a participação ativa de estudantes e professores por meio de oficinas culturais, palestras temáticas e visitas guiadas com escolas parceiras.

A exposição se consolida como uma plataforma ativa, na qual o espaço expositivo se transforma em um lugar de aprendizado, diálogo e troca de saberes. Essa responsabilidade também se materializa na ação ambiental integrada, que promove a distribuição de mudas de árvores nativas em comunidades dos três estados que receberão a exposição.

A exposição amplia sua experiência para além do espaço físico por meio de uma galeria virtual e de um catálogo digital, concebidos como ferramentas de memória, difusão e democratização do acesso às obras e aos conteúdos curatoriais. A iniciativa incorpora recursos de acessibilidade que buscam ampliar a participação do público, incluindo audiodescrição, textos adaptados, mediação acessível e estratégias de navegação inclusiva nos ambientes digitais.

É um importante complemento documental, integrado a proposta da mostra, reafirmando o compromisso com a circulação do conhecimento, a diversidade de públicos e o direito à fruição artística e cultural.



FICHA TÉCNICA



ALÉM DOS VERDES

Arte Amazônica, Sustentabilidade e Identidade Cultural

REALIZAÇÃO

Ministério da Cultura

R Serviços & Comércio Ltda. – Urucaia Produção Cultural

PATROCÍNIO

Petrobras

FINANCIAMENTO

Lei Federal de Incentivo à Cultura – Lei Rouanet

PRONAC nº 250925

PROPONENTE

R Serviços & Comércio Ltda. – Urucaia Produção Cultural

Representante Legal

Keytiane Picanço

EQUIPE DA EXPOSIÇÃO

Direção do Projeto

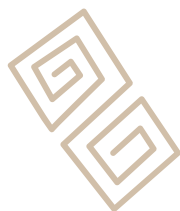
Rodolfo Leite

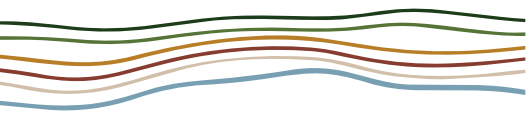
Coordenação Técnica Geral

Bruno Couto

Produção Executiva

Felipe Carmo





Produção Local — Macapá

Felipe Carmo

Curadoria

Adriane Corrêa

Assistência de Curadoria

Jenifer Reis Nunes

Expografia

Diego Corrêa

Coordenação de Comunicação

Bruno Couto

Assessoria de Imprensa

Tina Sanches

Comunicação Digital e Social Media

Casa Filmes

Produção Audiovisual

Casa Filmes

Designer Gráfico

Franciney Oliveira

Desenvolvimento do Site e da Exposição Virtual

Kuia Lab

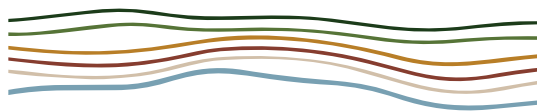
Fotografia

Ladson Santos

Tradução

Lucas Pinheiro





Revisão Textual

Andréa Holanda

Produção Local — Belém

Célio Duarte

Produção Local — São Luís

Mayara Sucupira

Intérpretes de Libras

Tamila Lima

Tradução e Transcrição em Braille

Allan Serique

Mediação Cultural

Equipe de Mediação da Exposição

Monitores

Aynan Del Tetto

Rozilene Pantoja

Wendel Conceição

Programa educativo e mediação

Palestrante:

Silvia Carla Marques

Debora Bararuá – São Luiz e Belém do Pará

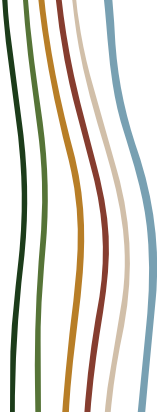
Oficinas :

Socorro Santos e Suzi Aguiar – Macapá

Laurine Campelo e Adriane Correa – São Luís

Will Cruz e Jjy Nunes – Belém do Pará





REFE RÊNCIAS

BISPO DOS SANTOS, Antônio. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora; Piseagrama, 2023.

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2009. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 31 maio 2026.

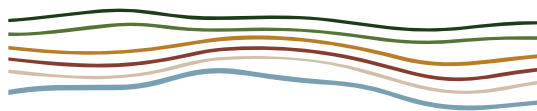
CANTO, Fernando. *Fortaleza de São José de Macapá: vertentes discursivas e as cartas dos construtores*. Brasília: Senado Federal, 2021. 512 p. (Edições do Senado Federal, v. 293). ISBN 978-65-5676-125-1.

COSTA, Gil Vieira. Imagens da Amazônia na arte brasileira: do território a conquistar ao território a resistir. *Revista Poiésis*, Niterói, v. 22, n. 38, p. 44-63, jul./dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.22409/poiesis.v22i38.45673>.

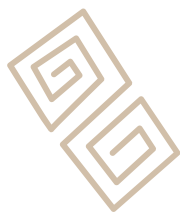
FRANCO, Maria Ignez Mantovani. *Planejamento e realização de exposições*. Brasília, DF: Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), 2018. (Cadernos Museológicos, v. 3). ISBN 978-85-63078-65-0.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.





MELLO, Louise Cardoso de. *Memória, corpo e território: o Forte Príncipe da Beira e o Guaporé afro-amazônico*. 2023. Tese (Doutorado em História e Estudos Humanísticos) – Universidade Pablo de Olavide de Sevilla; Universidade Federal Fluminense, Sevilha/Niterói, 2023.



MESQUITA, Fernando José Lima de. *Arquitetura vernacular ribeirinha, patrimônio cultural nas Amazônia: o caso de Afuá-PA*. 2017. 222 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2017.

PASSOS, Rômulo. *História e geografia do Amapá*. [S.l.: s.n.], [s.d.].

SILVA, Luiz de Jesus Dias da; AZEVEDO, Matheus Silva. *Arquitetura vernacular amazônica: uma etnografia dos saberes e fazeres tradicionais no rio Campompema, Ilhas de Abaetetuba-PA*. *Revista Arquitetura e Lugar*, Campina Grande, v. 3, n. 9, p. 16-29, 2025.



SOUZA, Márcio. *História da Amazônia: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI*. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.





APOIO:



PRODUÇÃO:



PATROCÍNIO:



REALIZAÇÃO:

MINISTÉRIO DA
CULTURA



Projeto realizado com recursos da Lei Federal de Incentivo à Cultura. PRONAC 250925.



@alemDOSverdes



www.alemDOSverdes.com.br